



ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DIFICULDADES E NECESSIDADES

Milena Karoline Vieira Moura¹

Paola Kathariny Dias dos Santos Portugal²

Orientador: Matheus Luamm Santos Formiga Bispo³

Coorientadora: Elizabete Farias Lima Silva⁴

RESUMO

O autismo não é considerado uma patologia e sim uma desordem do desenvolvimento, no qual as pessoas que o possui, geralmente, demonstram baixa flexibilidade às alterações de rotina. Onde se tem estágios de comprometimento mental, que vai de um autismo leve, que não interfere que se tenha uma visão comum, a até os estágios severos. A assistência é prestada por uma equipe multiprofissional, composta não somente por enfermeiros, mas também por psicólogos, médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicopedagogos, entre outros profissionais. Temos como objetivo geral: compreender a importância do papel do enfermeiro diante das necessidades e dificuldades da criança com transtorno do espectro autista. A metodologia segue pesquisa bibliográfica descritiva com abordagem qualitativa, a partir de estudos científicos sobre a assistência do profissional de enfermagem à criança autista através do estudos de artigos científicos, no período de 2010 a 2022, nos idiomas português encontrados nas bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e SciELO (Scientific Electronic Library Online). Utilizou-se os descritores em ciências da saúde (DeCS) e o operador booleano (AND).

Palavras-chave: Assistência. Autista. Crianças. Dificuldades. Enfermeiros. Famílias.

ABSTRACT

Autism is not considered a pathology but a developmental disorder, in which people who have it generally demonstrate low flexibility to routine changes. Where there are stages of mental impairment, ranging from mild autism, which does not interfere with having a common vision, to severe stages. Assistance is provided by a multidisciplinary team, composed not only of nurses, but also of psychologists, physicians, speech therapists, physiotherapists, educational psychologists, among other professionals. Our general objective is: to understand the importance of the role of the nurse in the face of the needs and difficulties of the child with autism spectrum disorder. The methodology follows descriptive bibliographical research with

¹ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade São Luís de França (FSLF). E-mail: milena.karoline@sousaoluis.com.br

² Graduanda em Enfermagem pela Faculdade São Luís de França (FSLF). E-mail: kathariny19@hotmail.com.

³ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Especialista em Gestão Escolar e Educação Empresarial pela Faculdade Jardins (FAJAR); Licenciado em Letras Português pela Faculdade São Luís de França (FSLF); Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: matheus.formiga@sousaoluis.com.br

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Enfermeira, Graduada pela Faculdade de Enfermagem Luíza de Marillac. Especialista em Educação na área de Qualificação Profissional de Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Enfermagem do Trabalho (2008), Gestão Pública e Responsabilidade fiscal (2009). E-mail: beteenff.silva@gmail.com

a qualitative approach, based on scientific studies on the assistance of nursing professionals to autistic children through the study of scientific articles, from 2010 to 2022, in the Portuguese languages found in the databases: Virtual Library de Saúde (BVS) and SciELO (Scientific Electronic Library Online). Health sciences descriptors (DeCS) and the Boolean operator (AND) were used.

Keyword: Assistance. Autistic. Children. Difficulties. Nurses. Families.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) discute sobre a observação de um conjunto de comportamentos dentro de uma tríade a qual engloba implicações na comunicação, dificuldades na interação social e em atividades resumidas em repetições. (CUNHA, 2009, p. 20). Para Moreira (2010, p. 142):

O TEA é caracterizado por anormalidades avaliativas nas áreas de interação social, comunicação e em sua conduta. Os sinais podem se modificar alterando a intensidade e de acordo com a idade. O TEA é considerado complexo em razão do desenvolvimento com graus variados de severidade.

A descoberta do autismo, geralmente, é em torno dos dois primeiros anos de vida e os que possuem quociente de inteligência (QI) maior têm prognóstico mais positivo, a terapêutica tende ajudá-los de maneira que tenham mais independência para atividades diárias, como se higienizar, se vestir. (MONTEIRO et al., 2008).

O enfermeiro tem o papel de identificar os primeiros sinais característicos do autismo na primeira infância, visando o acompanhamento e monitoramento da área de atuação de sua unidade. Quando existe a identificação precoce em crianças, facilita o acompanhamento e dificulta o agravamento do quadro do transtorno. (NASCIMENTO et al., 2018).

Cada pessoa possui uma visão sobre o autista, principalmente pelas características das atitudes rotineiras. Uma criança sozinha mais isolada, balançando o seu corpo e com olhar fixo para algum membro do seu corpo que se mexe ou para algum ponto do ambiente em que se encontra, é um exemplo dessas características que até mesmos os profissionais de enfermagem consideram ser características das ações dos autistas. (DARTORA et al., 2014).

É primordial nesse caso, em que o enfermeiro tem medo do desconhecido, tem que aproximar família da criança. É necessário que o mesmo faça o levantamento de dados, com isso consiga verificar quais serão os diagnósticos de enfermagem e prescrever as intervenções necessárias. (DARTORA et al., 2014).

É importante frisar que esse transtorno tem estágios diversos, os quais vão do autismo leve, que geralmente, possibilita a criança de ter uma vida relativamente comum, até estágios severos, no qual há implicação em sua comunicação, em suas funções cognitivas, e em seus comportamentos. (VELOSO, 2014).

A presente pesquisa possui como objetivo geral: compreender a importância do papel do enfermeiro diante das necessidades e dificuldades da criança com transtorno do espectro autista. Como objetivos específicos: explicar o conceito de autismo e de suas relações com o público infantil; Analisar o papel do enfermeiro perante o atendimento à criança autista e analisar a importância da assistência de enfermagem à criança autista e a sua família.

A metodologia utilizada neste trabalho constitui-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva com abordagem qualitativa, a partir de estudos científicos sobre a assistência do profissional de enfermagem à criança autista.

De acordo com Lakatos e Marconi (2001), a pesquisa bibliográfica equivale à síntese da bibliografia já foi publicada, mas que há relação com a temática. A pesquisa e revisão bibliográfica compreendem a identificação, síntese e fichamento das informações e ideias mais importantes de uma estrutura textual, estruturando uma metodologia de cunho qualitativo com base em uma pesquisa bibliográfica.

Além da lei para as pessoas com deficiência (PCD) e das políticas públicas para pessoas com TEA, o enfermeiro age, quando capacitado na graduação ou especialização, de maneira que consegue fazer uma identificação precoce ao realizar as consultas de avaliação de desenvolvimento na atenção primária para que não haja um diagnóstico tardio impossibilitando o tratamento precoce, o que pode influenciar no desenvolvimento e num melhor prognóstico infantil. (GIUNCO et al., 2010).

O TEA é diagnosticado por uma equipe multifuncional, que envolve contribuição da família, educadores, professores, neurologistas, fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos e pediatras que devem analisar a criança de 0 a 3 anos e concluir o tipo de transtorno do espectro autista que a mesma possui, seja com nível de dificuldade 1 (leve), 2 (moderado) ou 3 (severo). (MONTEIRO et al., 2021).

Torna-se necessário o presente trabalho diante da dificuldade de encontrar material com conteúdo adequado que relacione o enfermeiro na prática com crianças autistas. O enfermeiro contribui com o conhecimento científico acerca da atuação da enfermagem no suporte uni e multidisciplinar com responsáveis de crianças com Transtorno do Espectro Autista, além de organizar e proporcionar estratégias para uma assistência integral, tanto para

as crianças quanto para seus responsáveis.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O AUTISMO E SUAS RELAÇÕES COM O PÚBLICO INFANTIL

Por volta de 1910, Eugen Bleuler, psiquiatra, adotou o comportamento de pacientes que apresentavam dificuldade em interagir socialmente como “pensamento autístico”. Em meados de 1943, Leo Kanner, médico especializado em psiquiatria pediátrica, já possuía suas primeiras pesquisas sobre um quadro clínico de onze pacientes com dificuldade na interação social e na comunicação. (VICARI, RAHME, 2020).

Kanner (1943) descreveu uma criança autista que antes de dormir seguia rigorosamente uma rotina, na qual, a mãe desta era convocada pela autista para fazer um diálogo com a mesma idêntico ao que ela teria participado pelo dia. (COLL et al., 2004, p.235).

Foi questionado por Kanner (1943) sobre até que ponto consegue-se reduzir a espontaneidade de atividades no autismo e como a conduta da criança é conduzida por um desejo obsessivo para manter a igualdade, e que apenas a criança pode romper esses paradgmas. (COLL et al., 2004, p. 235). Vicari e Rahme (2020, p.3) assinalam que:

O manual Estatístico de Transtornos Mentais define o autismo como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e é caracterizado pela presença de dificuldades na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamentos e atividades que se manifestam no período da infância.

Segundo Silva e Mulik (2009), tendo um diagnóstico precoce, e dependendo da idade em que o autista recebe o tratamento apropriado, reflete componentes essenciais para o melhor resultado no que se fala em desenvolvimento infantil. O autismo é um dos transtornos mais invasivos do desenvolvimento e também mais conhecidos, apesar das várias patologias que existem, os quais podem ou não estarem relacionadas com déficits cognitivos, como é o caso do próprio autismo e do TID (Transtornos Invasivos do Desenvolvimento). (LOPEZ, 2014).

Muitos autores concordam que a maioria dos casos possui sintomas antes dos três anos de idade e persiste durante a vida toda, apesar de que os sintomas e o grau de comprometimento variam muito ao afetar as três áreas (social, fala, motora). O autismo traz consigo o desenvolvimento de crianças com comprometimento na interação social, falta de habilidade no uso do contato visual, expressão facial e de gestos, apresentando também incapacidade de

desenvolver relacionamentos com os colegas e reciprocidade social. (PELIN, 2013).

As crianças com TEA podem ter um diagnóstico através de seu comportamento, o qual apresenta algumas características peculiares. Aparecem, na maioria dos casos, entre 18 a 24 meses e, aproximadamente, 1 a 5 casos entre 10.000 nascimentos possuem o transtorno em uma proporção de dois a três homens para uma mulher (ASSUNÇÃO; PIMENTEL, 2000).

No mundo, estima-se que há mais de 70 milhões de pessoas com autismo, sendo quatro vezes mais frequente em meninos. No Brasil, mesmo com poucos estudos, constatou-se que há mais de 2 milhões de brasileiros com autismo, sendo 120 a 200 mil com idade inferior a cinco anos e 400 a 600 mil a 20 anos. É importante ressaltar que os dados citados não são precisos, pois estima-se que 90% das pessoas com autismo não tenham diagnóstico. (FALCÃO, 2017). Para Silva (2010, p. 87):

Aproveitar a iniciativa de crianças com autismo para explorar determinados objetos e utilizar esta iniciativa como meio de estabelecer as trocas de ações com essas crianças pode ser uma ótima alternativa para enriquecer o contato social delas com outras pessoas, tanto com adultos quanto com outras crianças.

Existe a possibilidade que uma criança com TEA seja capaz de tocar melodias no piano mesmo sem ter frequentado às aulas de música. Existem casos que essas crianças reproduzem habilidades com cálculos matemáticos sem ter conhecimento escolar sobre o assunto. Porém, é possível que haja limitações severas no raciocínio, na aprendizagem e na autonomia destas exigindo sempre intervenções e apoios constantes para as atividades, mesmo que mais simples. (SILVA, et al., 2012).

As crianças que possuem autismo são resistentes às alterações e costumam manter rotinas que incluem movimentos repetitivos, sendo exageradamente sistemáticas em relação a hora de determinadas atividades. (PELIN, 2013). Para Silva et al. (2012), ‘os tipos de prodígios que podem estar presentes no autismo são consideradas como savant, crianças especiais que apresentam habilidades magníficas e que segundo pesquisas, apenas 10% das pessoas com TEA possuem essa capacidade’.

Perante algumas dificuldades vem a socialização, pois as crianças autista não sabem informar os acontecimentos de forma natural, elas não conseguem contar o acontecimentos do dia a dia, não entendem se estão sofrendo agressões e também não tem entendimento para analisar as intenções das pessoas. (SILVA et al., 2012).

Em virtude dos déficits de comportamento do indivíduo, o autismo possui vários sintomas, o que os deixam com pouca habilidade para se relacionar com o outro, e assim,



maiores dificuldades na linguagem e alterações do comportamento. (LEAL et al., 2014). De acordo com Kochhann e Rocha (2015, p. 528):

Não há ação totalmente intelectual, como também não há atos que sejam totalmente afetivos. O autor tem convicção de que afetividade e cognição sejam inseparáveis em relação ao contexto, e que o homem age ao ser motivado, podendo ter influências do meio em que vive. A aprendizagem se dá a partir de um processo de acomodação e assimilação e a afetividade é a energia que impulsiona essas ações.

Observar a criança no ponto de vista ligado ao conceito de afetividade, à cognição e motricidade é uma teoria que facilita compreender o indivíduo em sua totalidade mostrando uma visão integrada do paciente. Põe o processo de atendimento em um nível mais elevado facilitando sua importância para o desenvolvimento cognitivo, do motor e do afetivo. (MAHONEY, 2012).

Para que se tenha um diagnóstico precoce é de fundamental importância observar os sinais manifestados pela criança. As mães, geralmente, observam os sinais, quando nos primeiros meses a criança não reage ao ser chamada, não chora quando é deixada sozinha, e com o passar dos meses, observam sinais ainda mais característicos, como a falta de interesse pelo brincar e ações com comportamentos repetitivos. (ONZI; GOMES, 2015).

A comunicação verbal alterada está relacionada com a alteração do desenvolvimento. O enfermeiro deve estar atento em prever e satisfazer as necessidades do paciente até serem estabelecidos padrões satisfatórios de comunicação desenvolvem uma carapaça, uma concha, que as protege e também atua como uma barreira de acesso ao mundo. (ASSUMPCÃO, 2000, p. 3).

O papel do enfermeiro é fundamental no processo de observação até o diagnóstico, pois durante as consultas ocorre o acompanhamento da criança mês a mês. É de suma importância que o profissional de Enfermagem tenha o conhecimento necessário para detectar os sinais e prestar uma assistência adequada à criança, proporcionando boa assistência e orientando a família corretamente. (COSTA et al., 2014).

2.2. O PAPEL DO ENFERMEIRO PERANTE O ATENDIMENTO À CRIANÇA AUTISTA

É de suma importância o papel do enfermeiro, de maneira que sirva como meio de comunicação, para as famílias com membros diagnosticados com TEA. O profissional tem a

responsabilidade de acolher essas crianças na rede de estratégia de saúde da família (ESF). Atuar com a criança e a família se torna primordial, já que o mesmo é o agente socializador de compreensão do autista. (CARNIEL, 2014).

A enfermagem tem papel significativo para estas famílias, pois tem a capacidade de servir como elo entre a equipe multidisciplinar e a família, a qual não poderá ser desconsiderada. Tendo um olhar completo do ser humano e por conhecimentos teóricos, o enfermeiro tem a possibilidade de ver os sinais para identificar o autismo. (NOGUEIRA; RIO, 2011).

Apesar da grande importância do papel do enfermeiro, tem-se percebido um grande déficit de conhecimento por parte profissionais sobre o TEA e a falta destes profissionais habilitados para os devidos cuidados com essas crianças autistas, o que resulta no retardo do seu tratamento causando prejuízo na qualidade de vida, tanto das crianças, quanto de suas famílias (NASCIMENTO, et al., 2018). De acordo com Melo et al. (2016, p. 5):

O enfermeiro pode acompanhar e auxiliar a família que possui alguém diagnosticado com autismo. E assim oferecer suporte, encorajamento e tranquilidade ao focar no bem-estar do paciente, além de esclarecer dúvidas e incentivar o tratamento e o acompanhamento a esse indivíduo, buscando, desta forma, a evolução em seu prognóstico.

É necessário que haja um tratamento eficaz para que o autista tenha um bom desenvolvimento. É preciso estimular a equipe multidisciplinar para que haja os tratamentos com terapias comportamentais, escolar e familiar. Esses recursos reduzem os sintomas e ofertam um para o desenvolvimento do transtorno. (MELO et al., 2016).

A primeira etapa para o tratamento do TEA exige que o profissional crie um vínculo com o autista para que haja uma possível interação evitando uma rejeição ao contato entre o enfermeiro e o paciente com TEA. (JERUSALINSKY, 2010).

De acordo com Nogueira et. al. (2011), mesmo o autismo não tendo cura, os profissionais descobriram a psicoterapia comportamental associada ao processo de condicionamento como um meio de facilitar os cuidados com o autista melhorando seu controle emocional. (ONZI; GOMES, 2015). Para Franzon et al. (2016, p. 5):

A musicoterapia e a intervenção musical também se constituem como alternativas de intervenção aplicada ao autismo. A primeira é uma técnica terapêutica de uso privativo do músico terapeuta para prevenção, reabilitação e tratamento de um indivíduo na qual a relação terapêutica com música se constitui como componentes curativos de determinadas necessidades.

A música é utilizada como recurso terapêutico nas intervenções musicais, tanto por enfermeiros quanto por dentistas, médicos, entre outros terapeutas, que não são músicos. Esse método é utilizado como recurso para facilitar os meios de conduzir a terapia entre o profissional e o paciente levando-o a um contato terapêutico consigo mesmo. Para minimizar o isolamento, favorecer a comunicação e a manifestação da subjetividade das crianças com autismo é necessária a intervenção musical, a qual contribui de maneira considerável. (FRANZON et al., 2016). Para Barbosa et al. (2019, p. 8):

O enfermeiro como profissional terapêutico precisa entender o comportamento do paciente para melhorar a qualidade de vida da criança com autismo. Seu objetivo é definir diagnósticos com base nas necessidades básicas e desenvolver um plano de cuidados voltado para as demandas do paciente com autismo com a equipe multiprofissional.

É papel do enfermeiro ser o elo entre a equipe multidisciplinar e a família para que haja comunicação adequada. O autista tem que ser acompanhado por psicólogos, professores e psicopedagogos. A enfermagem contribui para estabelecer um elo com as famílias, estando em destaque a comunicação e a interação entre a criança e a família. (NOGUEIRA; RIO, 2011).

Quando o autismo é descoberto é importante que o enfermeiro encaminhe a criança para o devido tratamento e encoraje a família para aceitação do diagnóstico e para fazer o tratamento. O enfermeiro informa à família da importância da sua participação, seja como mãe ou pai, é essencial para seu filho(a) ter esse apoio, e que não é somente a equipe de saúde que faz parte desse tratamento. (BARBOSA; NUNES, 2019).

Quando houver o contato da criança autista com a os serviços da saúde, o enfermeiro e a equipe multidisciplinar deve ficar atentos à mudança do ambiente do lar ou escolar, para que seja reduzido o estresse do afastamento da criança das suas atividades diárias e para que suas novas rotinas sejam intercaladas em seu dia a dia sem muita alteração em seu emocional. (DARTORA, et al., 2014). Santos, Veiga e Andrade (2011, p. 17) discorrem que:

O sistema de assistência de enfermagem da Unidade Básica de Saúde (UBS), durante a realização da consulta infantil deve ser empregada para a identificação das alterações apresentadas pela criança devido à necessidade do infante ser avaliado para que o enfermeiro possa diagnosticar, planejar e executar suas ações de maneira eficaz.

A enfermagem possui um olhar além do que os outros podem ver, como ocorre no caso da assistência à pessoa autista. O enfermeiro deve ter persistência para oferecer uma assistência de qualidade e não deve recuar por medo das dificuldades, pois este contribui consideravelmente para a prevenção e reabilitação da saúde. (SENA et al., 2015).

Mesmo com tamanha responsabilidade perante à assistência destas crianças, muitos enfermeiros possuem um conhecimento limitado sobre o TEA, pois a graduação oferta pouco assunto relacionado ao transtorno. Para não responsabilizar a equipe multidisciplinar é de suma importância a preparação do enfermeiro. (NASCIMENTO, et al., 2018).

Segundo Vasconcelos et al. (2022), os enfermeiros precisam estar atualizados sobre os estudos na área do TEA para que possam oferecer palestras no posto de saúde, bem como através do PSE (Programa de Saúde na Escola) com o qual é possível passar informações devidas para a comunidade, professores e alunos. Ainda de acordo com Vasconcelos et al. (2022, p. 4):

Juntamente com a população e os agentes comunitários de saúde os enfermeiros podem sugerir eventos como as caminhadas para que as pessoas possam entender o quanto é importante para essa criança que ela seja aceita no meio social sem discriminação, como já acontece no mês de abril, o qual é voltado para conscientização do autismo, onde todas as áreas da saúde se unem para falar da campanha “Abril Azul”.

Assim, o enfermeiro pode proporcionar uma assistência adequada para as crianças com autismo, perceber as pessoas com necessidades especiais e contribuir para o processo de prevenção, promoção e reabilitação da saúde, de maneira que promova qualidade de vida às crianças autistas e seus familiares.

2.3. A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA AUTISTA E SUA FAMÍLIA

Os pais, familiares, profissionais da área de saúde, bem como da educação possuem um papel extremamente importante relacionado às conquistas e alcance dos direitos fundamentais da pessoa com TEA. (BRASIL, 2012). A avaliação de vários profissionais tem como objetivo não apenas o diagnóstico, e sim, identificar o potencial da criança e de seus familiares para lidar com as possíveis circunstâncias através das equipes. Na fase de desenvolvimento, a avaliação da criança precisa de uma análise constante tanto dos professores quanto dos profissionais que trabalha na sociedade. (BRASIL, 2014).

O contato com a família deve ser constante para que não seja complexo compreender as limitações da doença. É preciso ter paciência para que os familiares se sintam capacitados, por isso é importante utilizar dinâmicas em grupo que podem auxiliar sustento emocional e ajudar a estes serem mais fortes. Dessa forma fica mais fácil e mais confortável para os familiares estando em grupo com pessoas que também enfrentam as dificuldades do dia a dia devido às limitações dos seus filhos autistas. (GOMES et al., 2014).

A família tem papel imprescindível na busca por condições que permita a assistência das crianças com autismo. Poucos são os autores que dão importância para a família neste desafio e mesmo tendo no Brasil desde 1930 as instituições privadas para deficiência mental e, posteriormente, o surgimento das APAES (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), somente no ano 1980 começou a ter recursos especializados para dar suporte aos autistas. (LEANDRO; LOPES, 2018).

Visando a efetividade da atenção à saúde dessas crianças, é de grande importância o fortalecimento da rede de assistência às famílias conforme as diretrizes definidas e, principalmente, é necessário respeitar os movimentos específicos existentes na condição de uma rede resolutiva de cuidados para que esta seja idealizada nos encontros frequentes entre gestores e usuários. (DUBOW; GARCIA; KRUG, 2018).

O Ministério da Saúde estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA (Transtorno do Espectro Autista) no ano de 2012 por meio da Lei nº 12.764, a qual indicou a implantação de CER (Centros Especializados de Reabilitação) para o acompanhamento psicossocial, para a avaliação em atendimento na rede pública. (BRASIL, 2012).

Segundo as leis orgânicas 8080/90 e 8142/90 das políticas públicas do SUS, estão consolidadas pelos princípios da integralidade, equidade, igualdade e a universalidade que crianças portadoras ou não de agravos à saúde estão resguardadas diante desse contexto. (BRASIL, 2001).

A SAE (Sistematização de enfermagem) é obrigatória em todos os serviços onde há assistência de enfermagem. Possui cinco etapas (coleta de dados, diagnóstico de enfermagem, planejamento, implementação e avaliação de enfermagem) e tem como propósito assegurar o enfermeiro da habilitação do gerenciamento do cuidado e o planejamento das atividades. O uso da SAE garante aos pacientes uma assistência individualizada e de maior visibilidade de suas ações e serviços. Após as etapas, é possível traçar um perfil para um cuidado individualizado. (SILVA et al., 2015).

Investir no conhecimento sobre o autismo é necessário para que haja uma tentativa de criar vínculo com o paciente. Sendo que o enfermeiro tem embasamento teórico, o mesmo terá a ideia de como deverá criar vínculos com o autista. (MAGALHÃES et al., 2020). A preparação do enfermeiro é indispensável, pois existe um conhecimento reduzido sobre a temática sendo um dos obstáculos que influencia na detecção mais cedo dos sinais e sintomas do autismo infantil. Sendo assim:

Se faz necessário chamar a atenção para uma melhor formação e capacitação acadêmica dos profissionais de enfermagem no que diz respeito à saúde mental para que assim elimine-se todas as dificuldades e seja possível oferecer todo o suporte que a família e o paciente necessitam. (ANJOS, 2019, p. 13).

O trabalho com a família deve ser constante para que se compreenda as limitações da patologia, tendo paciência para que eles sejam capacitados. As atividades propostas em grupo podem auxiliar no apoio emocional e ajudar essas famílias a serem mais resistentes em relação à dedicação aos filhos, além do que, com outras pessoas que estão passando pelas mesmas circunstâncias, acabam por se sentirem incluídas e aceitas na sociedade. (GOMES et al., 2014).

Silva (2010) afirma que “a criança autista demonstra vontade em começar as trocas de ações, o adulto deve aproveitar essa iniciativa de maneira ajustada às ações da criança e dar continuidade a essas trocas desenvolvendo alguma atividade que englobe as ações da criança”.

É importante compreender a influência dos aspectos na interação social no que se refere ao contexto em que há interação e desenvolvimento de cada um. O autismo é reconhecido pela síndrome e particularidades do desenvolvimento, pelo QI (Quociente de Inteligência), pelo nível linguístico, gravidade dos sintomas e temperamento. (BOSA, 2005; RIVIÈRE, 2006; MULICK, 2009).

Cada família possui necessidades particulares, nas quais as fragilidades a serem reparadas relacionam-se com a dinâmica familiar. É importante compreender a família, sua estrutura e funcionamento, sendo de caráter do profissional descobrir narrativas através de consultas e compreender no ambiente domiciliar como ocorre a organização dessa família. (MAPELLI et al., 2018).

Hofzmann et al. (2019, p. 8), relata que “tendo informação precoce sobre o que é o autismo e sobre os seus sinais e sintomas tornariam o diagnóstico ainda mais precoce, o que pode melhorar o desenvolvimento da criança e tornar mais fácil a aceitação dos familiares.”

Assim, como o estudo de Hofzmann, et al. (2019), o Ministério da Saúde (2014) prenuncia que ao identificar sinais iniciais de problemas, é necessário a abertura imediata de intervenções extremamente importantes, sendo que os resultados positivos em resposta a

terapias são mais consideráveis quando são instaurados precocemente. O enfermeiro precisa estar capacitado para que seja capaz de identificar os sinais e realizar as intervenções para estas crianças. (OLIVEIRA; MORAIS; FRANZOI, 2019).

Com o enfermeiro capacitado, a avaliação inicial da criança vai desde o acompanhamento do tratamento até o apoio familiar. É fundamental que o enfermeiro trabalhe unido à família para promover a troca de conhecimentos profissionais e familiares com o objetivo de melhorar o cuidado a criança que possui autismo. (COSTA et al., 2018).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos em Transtorno do espectro autista temos um grande caminho a percorrer, porém deve ser amplamente discutido diante o avanço de pesquisas científicas para que se tenha um melhor desenvolvimento dessas crianças e para que os profissionais envolvidos possam dar a devida assistência mesmo diante de tantas dificuldades no contexto abordado sobre as crianças com TEA.

O enfermeiro juntamente com toda equipe multiprofissional tem uma grande experiência já que são componentes importantes na formação. No caso da enfermagem onde se coloca em maior convívio com o processo de enfermagem, o profissional faz toda a anamnese diagnóstica, planeja, executa e avalia os resultados dessas crianças.

É perceptível que esse tema do presente estudo necessita ser abordado de forma mais aprofundada durante a graduação dos profissionais de enfermagem, de maneira que garanta a melhor qualificação destes que atuam diretamente com esses pacientes.

As intervenções são importantes no acompanhamento de crianças com TEA. Com uma boa intervenção o enfermeiro pode ter o controle de técnicas que ajudam no tratamento, como por exemplo, reuniões com as crianças, família e equipe multidisciplinar, para que o autista se socialize e que interaja com outras pessoas, bem como métodos para seu desenvolvimento de comunicação e fala.

O enfermeiro atua no acompanhamento da família no enfrentamento do diagnóstico de TEA porque é uma realidade ainda difícil por não ter cura e por não ter tanto acesso quanto outras dificuldades que outras crianças possuem quando têm alguma limitação.



A realidade dessas crianças autistas gera um grande impacto, principalmente, pelo preconceito da sociedade. O enfermeiro atua como facilitador no entendimento do transtorno por parte dessas famílias, aceitação da família em relação ao transtorno e encorajamento das mesmas, facilitando a interação entre todos os envolvidos.

Assim, é imprescindível que haja mais estudos sobre o autismo por parte da enfermagem, vindo principalmente na graduação, para que seja realizado um tratamento adequado de maneira científica evidenciada nas intervenções de enfermagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Milena Gonçalo de. **O papel do enfermeiro no apoio à criança autista**. 2020. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário da Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15003> 2023. Acesso em: 30. Abr. 2023.

ASSUMPÇÃO, Francisco Júnior; PIMENTEL, Ana Cristina. **Autismo infantil**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600010>. Acesso em: 26. Abr. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CARNIEL, Elenice Lorenzi et. Al. **A atuação do enfermeiro frente à criança autista**. 2010.

COSTA, Thais Eveline Maia et. al. **Cuidado de enfermagem no manejo de crianças com transtorno do espectro autista**. In: XXII Enfer., maio, 2018, Fortaleza. II Mostrado Internato em Enfermagem. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2018. Disponível em: http://uece.br/eventos/enfermaio/anais/edicao_2018.html. Acesso em: 10. Maio. 2023.

CUNHA, Eugênio, **Autismo e Inclusão. Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 3 ed. Rio de Janeiro. Wak editora, 2009.

DARTORA, Denise Dalmora; Mendieta, Marjoriê da Costa; FRANCHINI, Beatriz. **A equipe de enfermagem e as crianças autistas**. J Nurs Health. 2014;4(1):27-38.

DUBOW, Camila; GARCIA, Edna Linhares.; KRUG, Suzane Beatriz Frantz. **Percepções sobre a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência em uma Região de Saúde**. Saúde debate: Rio de Janeiro, v. 42, 2018.

FRANZOI, Mariana André Honorato et al. **Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial**. Revista Texto Contexto Enfermagem. Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 1-8, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n1/0104-0707-tce-25-01-1020015.pdf>. Acesso em: 10. Maio. 2023.



GIUNCO, Carina Tatiana et al. **Autismo: Conhecimento da equipe de enfermagem.** Revista CuidARTE Enfermagem. Disponível em: <http://www.fundacaopadrealbino.org.br/facfipa/ner/pdf/ed05enfpsite.pdf>. Acesso em 13. Mar. 2023.

GOMES, Paulyane et al. **Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática.** Jornal de Pediatria, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2014.

GOMES, Paulyane et al. **Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revista sistemática.** Jornal de Pediatria. [Porto Alegre], v.91, n.2. Mar-abr, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S00215572015000200111&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 12. maio .2023.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 5. ed. Campinas: Alínea, 2011.

HOFZMANN, Rafaela da Rosa. et. al. **Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).** Revista Cofen, [Brasil] v.10, n.2, 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671>. Acesso em: 29. Maio. 2023.

JENDREIECK, Ceres de Oliveira. **Dificuldades encontradas pelos profissionais de saúde ao realizar diagnóstico precoce do autismo.** Revista Psicologia Argumento. Curitiba, v. 32, n. 77, p. 153-158, abr/jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20149>. Acesso em: 10. Maio. 2023.

Kanner Leoner. **Autistic disturbances of affective contact.** Nerv Child 1943; 2:217-50. (Acta Paedopsychiatr 1968;35(4):100-36)

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo, SP: Atlas 2003.

MAPELLI, Lina Domenica. et. al. **Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar.** Scielo, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ean/v22n4/pt_1414-8145-ean-22-04-e20180116.pdf >. Acesso em: 29. Maio. 2023.

MELLO, Guiomar Namó de. Políticas públicas de educação. **Estudos Avançados.** São Paulo, v. 5, n. 13, p. 7-47, Dec. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141991000300002&lng=en&nrm=iso. 13. Mar. 2023.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: **método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, Out-Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>. Acesso em: 13. Mar. 2023.



MAHONEY, Almeida Henry Wallon: **Psicologia e Educação**, Ed. Loyola, 11ª ed., São Paulo, 2012, 87 p.

MELO, Camila Alves de et al. **Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo**. Mostra Interdisciplinar do curso de enfermagem. Quixadá, v. 2, n. 2, p. 1-7, dez. 2016. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/115>. Acesso em: 10. Maio. 2023.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira et al. **Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família**. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 32, p.1-12, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>. Acesso em: 17. Abr. 2023.

NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida; RIO, Susana Carolina Moreira Martins do. **A família com criança autista: apoio de enfermagem**. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental. Porto, v. 5, p. 16-21, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n5/n5a03.pdf>. Acesso em: 10. Maio. 2023

OLIVEIRA, Ana Carolina Araújo de ; MORAIS, Rita de Cássia Melão de ; FRANZOI, Mariana André Honorato. **Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente a hospitalização de crianças com transtornos autísticos**. Revista baiana enfermagem. Salvador, v. 33, e28300, p. 1-11, 2019. Disponível em: [SILVA, Josilaine Porfírio da; GARANHANI, Mara Lucia; PERES, Aida Maris. **Sistematização da Assistência de Enfermagem na graduação: um olhar sob o Pensamento Complexo**. Rev. Latino-am. Enfermagem, São Paulo, v. 23, n. 1, p.59-66, fev. 2015.](https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28300#:~:text=Conclus%C3%A3o%3A%20os%20profissionais%20da%20equipe,Transtorno%20Aut%C3%ADstico.>Acesso em: 10. Maio. 2023.</p></div><div data-bbox=)

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIAR, Maria Brasília. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Disponível em: encurtador.com.br/hyLN2. Acesso em: 25. Abr. 2023.

VICARI, Luiza Pinheiro Leão; Rahme, Mônica Maria Farid. **Escolarização de alunos com TEA: práticas educativas em uma rede pública de ensino**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/43296/pdf>. Acesso em: 21. Abr. 2023.